

contrário investe exclusivamente a camara dos deputados da faculdade de propor a derogação da Constituição.

O SR. B. DE CAMPOS:—Então a pessoa é que não é competente; mas o pedido é innocente.

O SR. D. DE AZEVEDO:—Não estou discutindo a culpabilidade das camaras, como mostra o que se fez; mas a iniciativa para a reforma da Constituição é acto exclusivo da camara dos deputados, inadmissivel é que as leis ordinarias cogitassem da possibilidade de ser a iniciativa da camara dos deputados provida por agentes da administração publica.

Se a camara dos deputados é que tem o direito de apreciar a oportunidade da reforma, que deve ser iniciada pelos immediatos mandatarios da nação, e submettida a tramites demorados, durante os quaes a reflexão pôde chegar, afim de proceder-se de modo mais sabio.

O SR. B. DE CAMPOS:—E as camaras não podem outra coisa; ellas não querem reformar por si, pedem todos os tramites.

O SR. D. DE AZEVEDO:—A camara dos deputados é a unica competente para conhecer da materia.

O SR. R. LOBATO:—Sem duvida: para conhecer e resolver; mas as camaras municipais não querem conhecer e resolver.

O SR. D. DE AZEVEDO:—Mas vêm perturbar a serenidade que deve existir na camara dos deputados para tratar de materia tão importante.

Senhores, a que attenção não chegáramos nós, se concedéssemos ás camaras municipais, e a quequeser funcionarios publicos singulares ou collectivos, pois que para todos a questão é a mesma, a faculdade de representarem umas accres da reforma do artigo 14 da Constituição, outras sobre a supressão deste, e daquelle poder do Estado, outras sobre a conveniencia da revolução politica e estabecimento da república? Não seria isto autorisar a anarquia politica?

O SR. B. DE CAMPOS:—Mas todos os cidadãos não podem fazer esse pedido? Haveria muito maior bulhúria.

O SR. D. DE AZEVEDO:—O nobre deputado não lido em materias juridicas e sociaes, não attinge que o cidadão resume em si todos os direitos politicos? O cidadão possui em germen o direito do Estado, ou antes, é a unidade da soberania politica, da qual decorrem o principio da delegação dos poderes, a autoridade das maiorias, e a força irresistível da opinião e da vontade nacional. (Muito bem.) O cidadão tem pois o direito de representar, porque é o tipo, o symbolo da soberania politica, por quem se fazem as combinações da república, e a quem se fazem as combinações da república, e a quem se fazem as combinações da república.

Porque srs. em nome do estado seja uma pessoa moral, não é propriamente no seu interesse, senão no de seus membros que o estado se organisa. O estado existe para garantir dos direitos dos cidadãos, e por isso é que eu digo que o estado é a organização da justiça.

Isto posto, na combinação dos poderes e no mecanismo politico, o cidadão reserva-se naturalmente o direito de fiscalisar os poderes constituidos, e de representar sobre os interesses publicos, porque não perde o fundamento ou o germen da soberania, que permanece em sua pessoa, em cujo nome e por cujo interesse tudo foi estabelecido, como em uma especie de microcosmo politico. (Muito bem, muito bem.) E por isso também que o cidadão pôde fazer tudo quanto a lei não prohibe, enquanto que os funcionarios publicos entre os quaes se distribue o exercicio da soberania delegada, só podem fazer aquilo que é de suas attribuições.

O cidadão tem a plenitude da liberdade, razão porque o direito individual se define pelo exercicio da liberdade, salva a espera do direito extranho, ou impedimento legal; até onde pôde se estender livremente a actividade de uma pessoa, em falta de obstáculo legal, até ahí estende-se o seu direito, de modo que ninguém precise de saber o que a lei lhe permite, basta saber o que lhe prohibe.

Mas o funcionario publico não tem a mesma esphera de actividade.

O funcionario publico, que soffra a lei da divisão do trabalho politico, que concorre com a sua actividade tão somente na proporção prevista pelo legislador, segundo o serviço que tem de desempenhar na distribuição dos cargos publicos, o funcionario publico só pôde fazer aquilo que a lei lhe permite. Por conseguinte o direito de petição concedido ao cidadão brasileiro não se pôde concluir para igual direito ás camaras municipais, ou ás administrações do correio, ou ás thesourarias de fazenda, ou a quequeser outros agentes da administração publica. (Muito apoiado, muito bem.)

Senhores, penso que não, senão demonstrando a theza que me propoz, ou, ao menos justificando o procedimento do presidente da provincia, tão intencionalmente quanto basta para se entender, em exasperação de linguagem, que elle cometeu um attentado, nem mesmo um acto illicito.

Vou agora encerrar a indicação do nobre deputado sobre outro aspecto.

A indicação do nobre deputado é evidentemente uma moção politica, ou uma censura ao governo da provincia.

O SR. R. LOBATO:—O exercicio de uma attribuição da assembléa, velar na guarda da constituição e das leis.

O SR. D. DE AZEVEDO:—Mas a assembléa provincial pôde exercer a attribuição de velar na guarda da constituição e das leis por meio de moções que se resumam em censuras politicas ao governo? Entendo que não.

E a razão decorre sr. presidente, da economia do nosso direito constitucional.

O governo das provincias é estabelecido, não ao sabor das assembléas provinciaes, mas segundo a politica dominante no imperio. Os presidentes de provincia, que a constituição considera nomeados pelo imperador, (mas uma razão para que aquelle minha theoria de que o poder executivo é exercido exclusivamente pelo imperador, e os presidentes de provincia são agentes do secretario de Estado, que, exercem em nome do imperador, o poder executivo.

Senão assim, comprehendendo-se que a nomeação dos presidentes de provincia não pôde estar adstricta ás evoluções da politica na provincia, a que elle tem de presidir.

Ora, sr. presidente, se o presidente da provincia é nomeado em taes condições, e conservada sob influencia delle, comprehendendo v. exc. que tudo quanto fôr censura politica infligida pela assembléa provincial ao presidente da provincia, é um acto inutil, ocioso, e se não fosse o respeito que consagro aos autores da moção, diria que era um actioclivo.

O SR. R. LOBATO:—Mas a moção é politica?

O SR. D. DE AZEVEDO:—Sem duvida, é um voto de censura. Mi muito tempo que se diz:—*«sic non est utilis quod facimus stulta est gloria»*.

O SR. C. SALLES:—Se é tão destituida de influencia para que a embaracem?

O SR. D. DE AZEVEDO:—Pela sua influencia moral.

O SR. C. SALLES:—Toda a moção politica tem só influencia moral.

O SR. D. DE AZEVEDO:—Está enganado; em virtude de moção politica a camara dos deputados derriba-se um ministerio. O mesmo não aconteceria com o senado, mas o senado se collocaria em posição favela quando moções taes, porque, não tendo o governo meio de lutar com o senado, pela vitalidade de seus membros, constituir-se-ia o senado em uma authoridade que a camara dos deputados tem muitas vezes censurado.

O humilde orador que ora occupa a attenção da casa já teve occasião de reclamar naquella camara contra o procedimento do senado embaracando o governo na marcha politica do paiz, e assim reivindicava para a camara dos deputados, immediata representante da nação, e órgão unico da sua opinião politica, a prerogativa de estabelecer questões de confiança, de derribar ministerios, e de derrocar situações politicas.

Ora pôde ter alguma affinity, quanto aos seus effeitos, com os votos de censura politica a moção que estamos discutindo? Absolutamente não. Votada a moção dos nobres deputados, como o será d'aqui a poucos minutos, o que se terá praticado? Apenas um desafio

esteril das opiniões dos honrados membros da opposição.

E não terão os nobres deputados praticado com isto, um acto de pura inutilidade?

O SR. A. LINS:—O sr. presidente da provincia está violando a lei, e não continuará a fazê-lo com esta moção.

O SR. D. DE AZEVEDO:—Eu não nego aos nobres deputados o direito de apreciar os actos da administração publica, quando tiverem de discutir e de votar projectos de lei. Pôdem chegar mesmo até ao ponto extremo de negar meios de governo, quando entenderem que a segurança publica exige tão extraordinaria cautella, e seria ella o protesto mais energico contra as administrações que abusam do exercicio do poder publico.

Não duvido mesmo de que os membros de uma assembléa provincial possam exprimir o seu pensamento politico, nas informações que exigirem sobre factos da administração, ou nos motivos com que fundamentarem seus requerimentos de projectos; mas absterem-se da pratica de actos legislativos, ou deliberativos, quaes os autorizados ao acto adicional, para se preocuparem com a discussão e votação de moções de pura confiança politica, perdoem-me os nobres deputados a franqueza, é entregar-lhes a praticas inúteis, que nenhum effeito produzem, e que para o nosso tempo já parecem ridiculas.

(Cruçam-se varios apartes.)

O que nego, sr. presidente, é o direito de votar-se censura em uma moção politica, que não tem effeito algum, e não é propria da opposição em uma assembléa provincial, que não dá nem tira confiança ao governo. E por conseguinte indifferente, ao governo, que a assembléa approve ou deixe de approvar esta moção de desconfiança. Si o presidente da provincia não pudesse signar com o auxilio dos seus amigos, si estes lhe negassem os recursos de que tem necessidade a administração, se a sua força moral ficasse assim debilitada pela falta de apoio de seus correligionarios, então o presidente da provincia teria razão de pedir a sua exoneração. Mas quando o presidente da provincia tem o apoio de todo o partido conservador da provincia de S. Paulo...

O SR. R. LOBATO:—Menos do chefe da União Conservadora, neste assumpto.

O SR. D. DE AZEVEDO:—...que motivos teria para não permanecer á frente do governo da provincia, qualquer que fosse o voto dos seus adversarios nesta assembléa?

(Muito apoiado da bancada conservadora.) Sr. presidente, penso que é chegada a occasião de terminar este desalinhado discurso, tão mutilado pelas interrupções dos nobres deputados. Vou sentar-me pedindo á bancada de opposição, e aos dignos republicanos, que deixem de se expandirem tão abstractos, como as que se faziam em Santa Sophia, quando o inimigo batia as portas da capital do estado.

Tratemos de negocios mais sérios para a provincia de S. Paulo, que possui todos os elementos da prosperidade e de riqueza, que precisa apenas da dedicação franca e uniforme de todos os seus representantes. Deixemos pois de questões politicas, mais proprias da escola ou da academia, do que de uma assembléa deliberativa tão patriótica como a de S. Paulo, e vamos cuidar daquillo que pôde mais intimamente interessar á provincia de S. Paulo.

(Muito bem, muito bem. O orador é felicitado por muitos srs. deputados.)

REVISTA DOS JORNAES

DIA 20 DE MARÇO

N'a Provincia um escriptor (anonymo, o que é de má effeito) responde ás observações que o illustrado padre Senna Freitas expendeu, em contestação ao juizo critico do diario republicano da manhan sobre o formoso livro *Observações criticas*.

Prometto continuar.

—No rodapé, em compensação, temos o nosso sempre amavel *Don Gigadas* (el chiquinho), o mais fino conteur da Paulicéa, e um dos espiritos mais parisienses que conhecemos.

Como paysagista, burila umas phrases que lembram os quadros de Robert e Henri Regnault.

E ainda, vejamos:

«O céu entenebrecia aos poucos, chumbado de nuvens grisalhas, aglomeradas umas sobre as outras, e o sol rompendo a esphera, por entre o montão de nuvens, espargia os seus raios abraçadores, que acabrunhavam o corpo; a chuva andava perto.

A atmosphera está pesada, e exerce extranha influéncia em todo o meu corpo, de tal arte, que experimento desagradavel sensação; não ha duvida, estou fóra dos eixos.

Al moçidade, porque assim fugiste com tanta ingratidão, deixando-me em troca, a volubil rabugança e criticidade?

Decididamente não posso affazer-me a semelhante cousa; inenunciavel alheio-me de tudo e vou a immergir-me em funda sciencia, onde esqueço esta mal fadada realidade, para alar-me aos tempos que já vão além, na época da juventude ridente de rosas e albos e a clareza de uma luz dourada que vivifica.

Mas, como não ha ventura sem mescla, de subito o malito rheumatismo chama-me a realidade dos cousos, e eu soffro de veras; não ha duvida, estou fóra dos eixos.

Tenho a cousa não é lá para grandes escarceos; é a rota do mundo, tudo anda fóra dos eixos.

E senão digam-me o que descobrem na sua recta direcção?

Enveredando á procura da pedra philosophal, lá foi rumo da casa de dona Anastacia Pamplona, á cata de noticias politicas e do bom café, dos appetitosos bolos, dos doces sabores, incentivo apreciavel para philosophar.

Deixemos, pois, d. Gigadas a philosophar com a sua velha amiga a sra. d. Anastacia, e vamos ao que serve.

O *Diario Popular* acha conveniente transcrever do *Jornal do Commercio* um artigo sobre o cás de Santos, a delenda cartago de alguns collegas d'imprensa, inclusive *Nemo* e a sympathica e erudita phalange separatista.

—Em seguida, volta á carga o sr. Rodolpho Miranda.

Ora, ora....

—Noticia a chegada do sr. dr. Aristides Lobo, o seu secundissimo e illustrado missi-vista fluminense.

Comprimntamos o illustrado ex-redactor da *Gazeta Nacional*.

O *Diario de Noticias* traslada com prazer um editorial do *Diario de Campinas* sobre redução de tarifas.

Consta ao collega que a typographia do *Liberal Paulista* foi vendida para o Lyceu de Artes e Officios do Sagrado Coração de Jesus.

E nós que pensávamos que o organ liberal ia reaparecer com o seu formato augmentado e o material reformado de *fond en comble*!

A *Gazeta do Povo* escreve excellente editorial sobre a crise economica por que vai passando a nossa bella capital, em consequencia do progresso de nossa provincia, do crescimento do diario da população, do preço excessivo dos

terrenos (vendem-se em leilão até a 3:200\$000 o metro e a mais de uma legua do centro da cidade são disputados lotes a 200\$000 a braça), do custo dos generos alimenticios, da transformação do trabalho, dessa apoplexia de riqueza e da escravidão e funcionalismo.

Tirante certos exageros, subscrevemos o editorial do collega, cuja conclusão é esta:

«Longe, porém, do ser isso um mal, parecem-nos que é felicidade para a educação do povo. Quem não souber acatular-se, succumbirá, é certo; mas também havemos todos de comprehender que só temos um meio de enriquecer e de viver como os estrangeiros.

Esse meio é trabalhar e economisar, tal qual elles trabalham e economisam.»

EXTERIOR

Allemanha

Foram celebradas pomposas exequias em honra á memoria do velho Imperador Guilherme.

Os telegrammas vêm repletos de informações e minuciosidades sobre o cortejo fúnebre, as ceremonias do culto na cathedra de Berlim e os demais actos demonstrativos do pezar da corte, do exercito e do povo allemão.

«A's exequias celebradas na cathedra, sumptuosamente preparada para o acto, assistiram o grão duque Nicolau, da Russia, os principes da Prussia e de todos os Estados allemães, o ministerio, os altos funcionarios da corte, os membros do parlamento, os enviados especiaes dos chefes dos Estados europeus e as delegações commissionadas de todos os pontos da Allemanha e do estrangeiro.

«Deixaram de tomar parte nas ceremonias fúnebres o principe de Bismarck, chancelier do imperio, e o feld-marchal conde de Moltke, que se acham enfermos.

«O amphitheatro fronteiro á cathedra estava litteralmente occupado.

«O prestito estendia-se por uma distancia de tres milhas, tomando parte nelle todos os principes e altos personagens que assistiram ás exequias e desfilingo todas as tropas imperiaes.

«A cada vinte passos erguiam-se obeliscos cobertos de crepe por todas as ruas que o prestito fúnebre devia percorrer.

«As casas estavam ornadas de tapearias e colgaduras negras e os edificios publicos ostentavam severo luto e o estandarte allemão em funeral veludo de crepe.

«O cadaver do Imperador estivera antes em exposição permanente, sendo immensa a concurrencia de pessoas que foram vel-o na cathedra.

«A uatade era conduzido por 12 comendados do exercito acompanhando o aos lados os ministros, que levavam a coroa, e sceptro e as outras insignias maguesticas.

«O general von Pape, comandante geral do corpo de exercito da guarnição de Berlim, conduzia o estandarte imperial coberto de crepe.

«Innumeras corôas e grinaldas foram depositas, entre as quaes sobresalia uma rica corôa de rosas, violetas e camellias, depositada pelo general Billot, representante da Republica Francesa.

«Durante o cortejo as musicas tocavam a marcha fúnebre de Chopin.

«Calcula-se em mais de 200 000 as pessoas que acompanharam o prestito, que desfilou na mais perfeita ordem e respeitoso silencio.»

São mais que justas e louvaveis estas demonstrações ruidosas da Prussia pela morte do soberano, que constituiu o reino de Frederico Magno como arbitro dos destinos da Confederação germanica, completando em Sodova a obra delineada nos campos de Leipzig e Waterloo e reduzindo á impotencia a Austria e a Italia, pelas fallazes apparencias de um pacto de união, que é considerado geralmente pela imprensa e pelos estadistas europeus como uma enorme e lugubre mystificação.

De resto, o Imperador Guilherme I possuia qualidades pessoas recommendaveis, e o tornaram popular e querido no seu paiz e principalmente na classe militar.

Estão prestadas as honras e homenagens fúnebres ao velho Imperador.

Aguardemos agora o juizo da Historia.

O Kronprinz foi proclamado Imperador e já dirigiu-se officalmente ao seu povo.

As declarações do principe são pacificas, como era de esperar do seu espirito moderado e conciliador.

Em um artigo do *Figaro*, Alberto Wolff faz o seguinte bosquejo do principe imperial, hoje Imperador da Allemanha:

«Conheci o principe quando entrou definitivamente na sociedade. Acabava de completar vinte annos, e tinha sido enviado para a universidade de Bonn, no Rheno, para alli concluir os seus estudos. Era um rapaz alto, magro, muito elegante. Os seus lindos cabellos loiros guarneciam-lhe o rosto muito pallido.

Estabeleceu-se logo em volta de si uma corrente sympathica, porque esse adolescente recebera do seu dom de agradar: seguia os cursos como todos os outros estudantes, e enqual contrava-se na rua com a sua pasta de burocrata, como o filho de qualquer burguez.

O seu trem de casa não ia além das modestas proporções do d'um simples filho-familia, e o joven principe evitava, de proposito, deslumbra os seus companheiros de estudo. Só se lembrava da sua posição, quando era preciso valer a algum estudante que tivesse sido envolvido n'algum processo pelo tribunal universitario, em resultado de duello ou de outro qualquer delicto de juventude. Assim salvou mais de um estouvado, condemnado á relegação, e cuja carreira parecia perdida para sempre.

Não admirar, pois, que rapidamente se tornasse sympathico, e que os estudantes o adorassem litteralmente.

O futuro Kronprinz deu então as primeiras provas dessa bondade pessoal que lhe reconheceram sempre, depois de adorar os acasos da vida, e que ainda hoje faz com que, em meio das ameaças perpetuas de guerra que pairam sobre a Europa, seja considerado como um principe pacifico, cujo advento ao throno poderia adiar, senão evitar para sempre, o ajuste das cruéis reivindicções.

Vi o principe d'uma outra vez, já na idade madura, quando elle tinha chegado ao cumulo da popularidade. Foi pouco depois de Sadova; tinham mobilisado toda a flotilha dos vapores do Rheno para lhe prestar honras; desceu assim o rio desde Coblenz até Colonia, no meio d'uma indiscrepível ovacão; os habitantes de todas as aldeias proximas saudavam-no das margens, com hurras prodigiosas, e os canhões dos botes respondiam, salvando continuamente. O principe ia de pé, á pópa do barco maior, em pequeno uniforme de general, e fumando do seu cachimbo de porcelana, rodeado por duzentas mulheres estendidas diante d'aquelle formoso homem, solido como um carvalho, parecendo desafiar a morte!

A natureza, dizia-se, tinha-se empenhado em prodigialisar a este principe todos os dons. Era o tipo da belleza masculina do norte, com a sua avantezada estatura, espadado, elegante, a barba loira, abundantissima, e nos olhos uma expressão de doçura attraente.

O que se sabia da sua vida em familia mais o exaltava na estima dos seus compatriotas. Era bom marido e bom pai como um simples burguez.

Apezar da sua qualidade de marechal e do seu uniforme, que só deixava de usar no es-

trangeiro, sabia-se que a questão militar não era a unica que o preocupava.

Sabia nisto a seu tio paterno, Frederico Guilherme IV, principe pacifico e apaisado pelas coisas do pensamento, e que, bem no fundo, gostava mais dos irmãos Humboldt que do seu conselho de ministros.

O Kronprinz, depois do advento de seu pai ao throno, e herdeiro presumptivo desse throno imperial da Allemanha, parecia interessar-se pelos assumptos do espirito e da arte.

Attrahiu ao seu palacio os sabios, os pintores e esculptores, para affirmar a sua predilecção pela intelligencia; parecia tomar o mais vivo interesse por todas as manifestações do espirito humano; e assim era elle mais um laço entre a corte e o povo, uma esperança de futuro para os dois.»

PAGINAS VOLANTES

Diabinhos azues

Não sabemos si os leitores soffrem como nós soffremos, quando, pela manhã, nos levantamos do leito, e damos de rosto com um dia enevoado, de céu acinzentado, sombrio, tetrico, funereo, como si a Terra,—a grande morte,—repousasse fiamente sob uma mortalha de zinco...

Uma d'ôr azumada então chumba-nos á terra, como o verme a um cadaver; a alma se nos evola, serena e pulchra, como um anjo de candidas azas fugindo ao iôdo infecto e negro; nossos sentidos silenciam, como cordas de um violoncello desmontado.

Estas inenarravel dôr é a nostalgia da luz, da cousas simples, das almas puras, dos aromas, dos cantos, das flores, do céu azul, da sagrada alegria da Natureza!

«Deixaram de tomar parte nas ceremonias fúnebres o principe de Bismarck, chancelier do imperio, e o feld-marchal conde de Moltke, que se acham enfermos.

«O amphitheatro fronteiro á cathedra estava litteralmente occupado.

«O prestito estendia-se por uma distancia de tres milhas, tomando parte nelle todos os principes e altos personagens que assistiram ás exequias e desfilingo todas as tropas imperiaes.

«A cada vinte passos erguiam-se obeliscos cobertos de crepe por todas as ruas que o prestito fúnebre devia percorrer.

«As casas estavam ornadas de tapearias e colgaduras negras e os edificios publicos ostentavam severo luto e o estandarte allemão em funeral veludo de crepe.

«O cadaver do Imperador estivera antes em exposição permanente, sendo immensa a concurrencia de pessoas que foram vel-o na cathedra.

«A uatade era conduzido por 12 comendados do exercito acompanhando o aos lados os ministros, que levavam a coroa, e sceptro e as outras insignias maguesticas.

«O general von Pape, comandante geral do corpo de exercito da guarnição de Berlim, conduzia o estandarte imperial coberto de crepe.

«Innumeras corôas e grinaldas foram depositas, entre as quaes sobresalia uma rica corôa de rosas, violetas e camellias, depositada pelo general Billot, representante da Republica Francesa.

«Durante o cortejo as musicas tocavam a marcha fúnebre de Chopin.

«Calcula-se em mais de 200 000 as pessoas que acompanharam o prestito, que desfilou na mais perfeita ordem e respeitoso silencio.»

São mais que justas e louvaveis estas demonstrações ruidosas da Prussia pela morte do soberano, que constituiu o reino de Frederico Magno como arbitro dos destinos da Confederação germanica, completando em Sodova a obra delineada nos campos de Leipzig e Waterloo e reduzindo á impotencia a Austria e a Italia, pelas fallazes apparencias de um pacto de união, que é considerado geralmente pela imprensa e pelos estadistas europeus como uma enorme e lugubre mystificação.

De resto, o Imperador Guilherme I possuia qualidades pessoas recommendaveis, e o tornaram popular e querido no seu paiz e principalmente na classe militar.

Estão prestadas as honras e homenagens fúnebres ao velho Imperador.

Aguardemos agora o juizo da Historia.

O Kronprinz foi proclamado Imperador e já dirigiu-se officionalmente ao seu povo.

As declarações do principe são pacificas, como era de esperar do seu espirito moderado e conciliador.

Em um artigo do *Figaro*, Alberto Wolff faz o seguinte bosquejo do principe imperial, hoje Imperador da Allemanha:

«Conheci o principe quando entrou definitivamente na sociedade. Acabava de completar vinte annos, e tinha sido enviado para a universidade de Bonn, no Rheno, para alli concluir os seus estudos. Era um rapaz alto, magro, muito elegante. Os seus lindos cabellos loiros guarneciam-lhe o rosto muito pallido.

Estabeleceu-se logo em volta de si uma corrente sympathica, porque esse adolescente recebera do seu dom de agradar: seguia os cursos como todos os outros estudantes, e enqual contrava-se na rua com a sua pasta de burocrata, como o filho de qualquer burguez.

O seu trem de casa não ia além das modestas proporções do d'um simples filho-familia, e o joven principe evitava, de proposito, deslumbra os seus companheiros de estudo. Só se lembrava da sua posição, quando era preciso valer a algum estudante que tivesse sido envolvido n'algum processo pelo tribunal universitario, em resultado de duello ou de outro qualquer delicto de juventude. Assim salvou mais de um estouvado, condemnado á relegação, e cuja carreira parecia perdida para sempre.

Não admirar, pois, que rapidamente se tornasse sympathico, e que os estudantes o adorassem litteralmente.

O futuro Kronprinz deu então as primeiras provas dessa bondade pessoal que lhe reconheceram sempre, depois de adorar os acasos da vida, e que ainda hoje faz com que, em meio das ameaças perpetuas de guerra que pairam sobre a Europa, seja considerado como um principe pacifico, cujo advento ao throno poderia adiar, senão evitar para sempre, o ajuste das cruéis reivindicções.

Vi o principe d'uma outra vez, já na idade madura, quando elle tinha chegado ao cumulo da popularidade. Foi pouco depois de Sadova; tinham mobilisado toda a flotilha dos vapores do Rheno para lhe prestar honras; desceu assim o rio desde Coblenz até Colonia, no meio d'uma indiscrepível ovacão; os habitantes de todas as aldeias proximas saudavam-no das margens, com hurras prodigiosas, e os canhões dos botes respondiam, salvando continuamente. O principe ia de pé, á pópa do barco maior, em pequeno uniforme de general, e fumando do seu cachimbo de porcelana, rodeado por duzentas mulheres estendidas diante d'aquelle formoso homem, solido como um carvalho, parecendo desafiar a morte!

A natureza, dizia-se, tinha-se empenhado em prodigialisar a este principe todos os dons. Era o tipo da belleza masculina do norte, com a sua avantezada estatura, espadado, elegante, a barba loira, abundantissima, e nos olhos uma expressão de doçura attraente.

O que se sabia da sua vida em familia mais o exaltava na estima dos seus compatriotas. Era bom marido e bom pai como um simples burguez.

Apezar da sua qualidade de marechal e do seu uniforme, que só deixava de usar no es-

trangeiro, sabia-se que a questão militar não era a unica que o preocupava.

Sabia nisto a seu tio paterno, Frederico Guilherme IV, principe pacifico e apaisado pelas coisas do pensamento, e que, bem no fundo, gostava mais dos irmãos Humboldt que do seu conselho de ministros.

O Kronprinz, depois do advento de seu pai ao throno, e herdeiro presumptivo desse throno imperial da Allemanha, parecia interessar-se pelos assumptos do espirito e da arte.

Attrahiu ao seu palacio os sabios, os pintores e esculptores, para affirmar a sua predilecção pela intelligencia; parecia tomar o mais vivo interesse por todas as manifestações do espirito humano; e assim era elle mais um laço entre a corte e o povo, uma esperança de futuro para os dois.»